

Do protagonismo acadêmico à Dialogia Social: a recorrência científica nas revistas impressas ‘Pesquisa Fapesp’¹

Danielly Bezerra dos SANTOS²

Mestranda

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Este texto se dedica a cotejar as noções teóricas de Dialogia Social e Signo da relação, propostas por Cremilda Medina no contexto de troca entre os sujeitos do campo jornalístico e a sociedade em geral, para considerá-las também na esfera científica-acadêmica. Para o cumprimento deste exercício e à luz desse aporte, serão analisadas as reportagens de capa de seis edições da publicação impressa da revista ‘Pesquisa FAPESP’ a fim de compreender se e de que modo um espaço formal e de alcance nacional na interface Ciência e Jornalismo abarca o diálogo com os sujeitos não-científicos na condição de legitimidade de fala. A observação indica que a ausência de vozes não-técnicas obedece a um padrão que sugere a preferência pelo formato estritamente técnico e objetivista da superioridade científica como (única ou totalizante) conhecedora do mundo.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Ciência; Jornalismo; Diálogo.

Introdução

O ano de 2020 proporcionou uma entrada particular de atores e instituições científicas no espaço jornalístico em função da eclosão da pandemia do novo Coronavírus Sars-CoV-2³. Os noticiários passaram a reservar um tempo maior para participações de pesquisadores em saúde, dedicando-se a comentar as pesquisas realizadas pelas equipes científicas no combate ao vírus.

Como um aspecto importante a ser mencionado, os grandes veículos de mídia brasileiros adotaram uma postura ‘pró-ciência’ em suas coberturas jornalísticas (ALMEIDA, 2020). O período marca também o destaque ao tema ‘jornalismo’ e audiência ampliada a produções noticiosas na televisão, com o crescimento de 119% de menção ao

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP. Bolsista PROSUP-CAPES e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Consumo, Imagem e Experiência (SENSE). E-mail: daniellybdossantos@gmail.com

³ Informações oficiais em: <<https://bit.ly/3gNYcaL>>. Acesso em 20 jun. 2021.

tema por internautas brasileiros e 41% de aumento na audiência televisiva (na comparação entre abril/2019 e abril/2020⁴).

Tornou-se comum a participação de pesquisadores de universidades e institutos de pesquisa brasileiros para indicar quais as práticas corretas na vivência em pandemia e a importância das medidas não-farmacológicas para conter o vírus no País, na medida em que as vacinas receberam a total atenção da ciência em 2020 e 2021, sendo desenvolvidas em tempo recorde e sob ampla expectativa mundial⁵.

Embora não seja inédita, a presença científica na mídia tem se intensificado com a excepcionalidade da pandemia do novo Coronavírus. Ao ocupar um ponto de encontro no campo que visa discutir paralelamente a mídia e a recorrência científica no espaço midiático, uma perspectiva teórica promissora pode ser a midiaticização da ciência.

Mencionada por Peter Weingart, nos anos 1990, como um agrupamento entre as dimensões ciência e mídia, a midiaticização da ciência seria o “fenômeno colateral esperado em democracias de massa modernas, correspondente às suas exigências crescentes de legitimidade quanto à segurança e expansão dos limites da ciência frente ao ambiente social” (WEINGART apud VARELA, 2021, p. 08).

Refletir a exposição da ciência em sua crescente consideração nos espaços midiáticos de largo alcance público é também pensar a relação que essas duas esferas possuem enquanto instâncias epistêmicas e históricas na sociedade - a Ciência e o Jornalismo.

O rigor da objetividade e o Signo da relação

A Ciência Moderna se constituiu, no avançar do século XVII, a partir do ideário de valorização dos fatos comprováveis, numa perspectiva cartesiana que atrelava racionalização da interpretação à exatidão matemática. O modelo, amparado no Empirismo (MEYERS, 2017), foi perpetuado com a intensificação do pensamento lógico baseado nas evidências experienciadas, conduzindo uma nova e exatificada forma de apreensão do mundo, e sistematização desse, em formato de um conhecimento cada vez mais focado,

⁴ Dados contidos na pesquisa Kantar Ibope Media, disponíveis em:
<<https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-video/>>. Acesso em 20 jun. 2021.

⁵ Primeira vacina do mundo registrada contra o Covid-19 anunciada pela Rússia:
<<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/08/11/putin-diz-que-russia-registrou-1-vacina-contr-a-o-coronavirus.htm>>. Acesso em 20 jun. 2021.

onde o Positivismo (ou Comtismo, no século XIX) é tido como a expressão máxima de correção das arestas, os “erros humanos” (BRAGA Et al, 2008).

Ao longo do século XIX, enquanto a Ciência se consolidava como produtora de conhecimento e de novos campos de saber especializados, uma esfera comunicacional começava a amadurecer, o Jornalismo (MEDINA, 2008). A Ciência e o Jornalismo percorreram, então, uma mesma via de mão dupla, onde o campo científico carecia de maior contato com a sociedade além de seus pares já tradicionais - destacando a necessidade de difusão do conhecimento -, e o Jornalismo aparecia como um fenômeno de significativo pertencimento à vida social comum, mas que reconhecia a ausência de uma delimitação científica para si mesmo (MEDINA in MEDINA & GRECO, 1994).

Com a chegada do século XX, e preenchendo ambos os campos científico e jornalístico, o Positivismo lógico se estabeleceu como uma espécie de ‘movimento filosófico’ intensificando o modelo original do século anterior e defendendo que a ciência proporcionava todo o conhecimento necessário à vida, dispensando-se por completo a metafísica e ocupando esse lugar com uma filosofia de base científica (RICHARDSON, 2012). O século XX segue com a ampliação do potencial de desenvolvimento a partir das descobertas científicas, sendo prova da acomodação de um modelo de especialização de saberes e da instrumentalização tecnológica para a descoberta e solução dos enigmas do mundo.

Baseada nos fundamentos positivistas de objetividade para conhecimento e domínio do homem e da natureza, a Ciência permaneceu em seu processo de especialização e compartimentação do conhecimento, e o Jornalismo instituiu a busca pela verdade e controle técnico e tecnológico como mandamentos de profissão. Durante esse trajeto secular, as duas áreas se mantiveram regidas pela relação sujeito-objeto.

Completado o século XX, a transição para o século XXI se apresenta escancarando a fragilidade do paradigma científico objetivista e da superespecialização restritiva das áreas como forma de compreensão totalizante do mundo. É nesse instante que o campo científico/intelectual percebe a limitação de seu modelo segmentado que pretendia debater as problemáticas sociais complexas em circulação no mundo. No mesmo passo, a esfera jornalística começa a enfrentar desafios na afirmação de seu campo outrora assentado como legitimado para averiguação da verdade, sendo igualmente questionada na dita ‘Era da Incerteza’ (MEDINA & GRECO, 1994).

Os dois campos, então, adentraram o século XXI unidos em função de uma crise na instância que compreende a Ciência em sua forma epistemológica de narrar e dialogar com o mundo e outras formas de conhecimento, e o Jornalismo, que historicamente tem ocupado a posição de mediador desse conhecimento científico que pretende alcançar a sociedade.

Para além da imediata relação entre o conhecimento produzido nas instâncias acadêmicas e sua difusão a partir da divulgação científica, Ciência e Jornalismo em associação despertam outras inspirações, a saber as trocas epistemológicas possíveis no exercício da escuta. O que é tido como prática cotidiana do repórter, que relata as impressões de suas fontes para a composição de um texto jornalístico, para o pesquisador é parte de um procedimento metodológico estruturado para garantir o rigor científico das apurações e da posterior descrição técnica desses resultados. No entanto, para ambas as atividades, o contato indiferente ou instrumental com as narrativas e sujeitos parece se mostrar uma experiência mais comum e atraente do que deveria.

No fazer científico, o levantamento de percepções ou interpretações sobre quaisquer dados, comumente mais presente nas ciências humanas, demanda um conjunto metodológico de procedimentos alinhado às diretrizes dos comitês de ética para contato com seres humanos, garantindo a preservação dos direitos de anonimato ou não-exposição pública de dados sensíveis ou depoimentos, e da impossibilidade de danos causados pela pesquisa. No que diz respeito às regras dos órgãos reguladores, pesquisadores têm em sua formação um criterioso compromisso de adequar seus projetos frente às exigências do campo científico para o trato com os sujeitos sociais. Entretanto, os mesmo balizadores positivistas da ciência tecnicista cercam as tentativas de aproximações que contemplem a subjetividade humana em sua diversidade, propostas por vivências etnográficas, por exemplo, julgando-as como ausência de rigor numa abertura que considere o entrevistado para além de mero objeto de informação direta.

Ao pensar na prática das entrevistas do ponto de vista do cientista-pesquisador, é possível propor a si mesmo uma autoavaliação quanto à perspectiva epistemológica tradicionalmente imposta no fazer científico, especificamente nas etapas concernentes à coleta de relatos. Como ampliação das implicações e possíveis resultados que metodologias de entrevista mais participativas podem proporcionar, é cabido explorar visões teóricas que compreendem os sujeitos a partir de sua complexidade, aceitando a impossibilidade de descrições objetivistas desses indivíduos como parte do processo de uma produção legitimada de conhecimento científico.

A chamada ‘Epistemologia Pragmática’ (MEDINA in MEDINA & GRECO, 1994), é um exemplo de um novo olhar à realidade humana em uma investida na relação articuladora entre Ciência e sociedade. Alternativas como a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a pós-disciplinaridade afirmam a necessidade da convergência do domínio científico com os demais saberes - local, cotidiano, mítico, religioso, artístico e senso comum.

Com a crise de paradigmas com a qual se deparou o século XX em suas décadas finais, o campo científico acabou por ser provocado a considerar as outras interpretações da realidade enquanto posições de semelhante contribuição. Eis nessa proposta de entrecruzamento de repertórios as discussões de um *saber plural* como refutação às verdades absolutas e restritivas (MEDINA, 2006).

Anteriormente amparadas no paradigma objetivista, que consolidou o método de produção do conhecimento na modernidade, Ciência e Jornalismo como fenômeno conjunto se deparam, no contemporâneo, com a *dialogia interativa* para que possam ultrapassar as limitações da mera difusão do saber especializado, em uma sintonia deste último com o saber comum, que tem relevância na composição do conhecimento sobre o mundo e as vivências sociais.

Como explica a autora Cremilda Medina, o *Signo da relação* se coloca como uma superação dos signos anteriores ainda em vigência - no caso, o Signo da divulgação ou explicação -, e propõe que não se caminhe ao mundo com a suposição pretensiosa de possuir todo o conhecimento sobre a realidade, mas que se busque uma abertura ao fenômeno social *que acontece*, não que estaticamente é (CRUZ, 1986).

Como define a autora,

O **signo da relação** implica a crise da degenerescência do **signo da divulgação**, consagrado tanto na ciência - transferência dos conteúdos dos especialistas aos leigos - quanto do chamado “jornalismo científico” - tradução e divulgação dos conteúdos científicos para o grande público. (MEDINA, 2006, p. 13, grifo da autora)

Por crise de degenerescência entenda-se uma ruptura onde os especialistas “precisam reencontrar os elos perdidos entre eles e as múltiplas sabedorias para, juntos, darem respostas aos impasses históricos” (MEDINA in MEDINA & GRECO, 1994, p. 179). Assim sendo, a crise de degenerescência eclode quando os saberes especializados encaram a realidade das condições de realização de seus micro-campos, com uma gramática

baseada nas técnicas e tecnologias assépticas. É o dar-se conta de uma articulação que precisa existir entre a estrutura que produz o saber tecnicamente e a sociedade que, nas experiências cotidianas, tem formas outras de saberes a compartilhar.

No jogo entre Ciência e Jornalismo, o campo da Comunicação impera ao fornecer subsídios interessantes para novas formas de diálogo que o universo científico pode estabelecer com os sujeitos não-acadêmicos, não somente do ponto de vista das práticas objetivas de pesquisa, mas da abertura para a escuta sensível de realidades tão diversas quantas podem existir na sociedade brasileira.

O entrecruzamento de visões de mundo e metodologias da ciência e da comunicação social rende uma pauta de estudos na construção e desconstrução dos paradigmas dogmatizados, pois o Signo da Relação mexe profundamente tanto com as ciências humanas quanto com as biológicas, naturais ou da natureza, exatas, tecnológicas, ambientais e quantas mais divisões se fizer. (MEDINA, 2014, p. 16)

Percebendo a construção dialógica fundamental na relação ‘conhecimento científico e sociedade’, é possível olhar para a necessidade da permanente abertura às perspectivas pulsantes no tecido social, múltiplas em suas contribuições na constituição da intelectualidade e teorização sobre as problemáticas comuns. Trata-se de uma forma de construção de conhecimento sobre a realidade que não pode prescindir dela mesma.

Material empírico

Para problematizar a acomodação do sentido de Signo da relação no fazer cotidiano da interface Ciência-Jornalismo e a apropriação da noção dialógica proposta para as entrevistas jornalísticas e também científicas, é aqui trazido o conjunto de edições da revista *Pesquisa FAPESP*, dos meses de novembro/2020 a abril/2021 - escolhidas por critério de recência quando da realização deste estudo.

A revista *Pesquisa FAPESP* é uma publicação mensal editada e distribuída desde outubro de 1999 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), entidade fundada em 1962. Os volumes são fornecidos a instituições de ensino superior e parceiros, e através de assinaturas e comercialização em bancas de revista no estado de São Paulo. O núcleo jornalístico da Fundação mantém, ainda, um site para acesso público e gratuito de todo o material atual e acervo, páginas ativas nas redes sociais digitais e

produções e indicações de audiovisuais (como vídeos e *podcasts*)⁶. Segundo dados presentes no site da revista, não há um recorte indicado como público-alvo.

Será observado, nas reportagens de capa, como se dá a seleção e menção dos entrevistados selecionados para compor as matérias, comentando ou complementando as informações nos textos produzidos pelos jornalistas responsáveis.

Imagens 1 a 6: Capas das edições analisadas neste estudo, por ordem cronológica



As matérias trazidas no espaço em questão correspondem às primeiras reportagens da sequência de cada uma das seis edições⁷, pertencentes à secção ‘Capa’ de seus respectivos números. As publicações seguem o padrão de 100 páginas totais em seus volumes mensais e, embora no contexto da pandemia do novo Coronavírus Sars-CoV-2, foi constatado que não há restrição de destaques apenas à temática da saúde ou ciências médicas e biológicas.

⁶ Detalhamento das atividades da revista Pesquisa FAPESP disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/quem-somos/>. Acesso em 20 jun. 2021.

⁷ Todas as edições apresentadas nesta análise estão disponíveis para acesso gratuito nas versões digitalizadas no portal: <https://revistapesquisa.fapesp.br/revista/edicoes-anteriores/>. Acesso em 20 jun. 2021.

A seguir, serão sintetizadas e dispostas em tabela as principais informações sobre cada reportagem:

Quadro explicativo 1 - Novembro de 2020	
Reportagem de Capa - Manchete da edição (total de 2 na secção 'Capa')	<i>O Pantanal pede água</i>
Páginas da matéria analisada	30 a 35, contendo cinco páginas com texto, 17 parágrafos, sete imagens/ilustrações/gráficos
Jornalista	Marcos Pivetta
Breve descrição do texto	Escassez hídrica, com período de registro (2020) do menor índice de volume do rio Paraguai em 50 anos, localizado na cidade de Ladário/MS. Relação estabelecida com as queimadas do Pantanal ocorridas no segundo semestre de 2020.
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none"> • biólogo, especialista em Peixes, Universidade Anhanguera - UNIDERP • climatologista, coordenadora do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais - UFRJ • climatologista, chefe do setor de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) • geólogo, UNESP • ecólogo aquático, Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) • biólogo do Museu de Pesquisa Zoológica A. Koenig (na cidade alemã <i>Bonn</i>) e UFMT <p>* Gráficos sobre queimadas com dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) * Citações/indicações de livro e artigos científicos publicados fora do Brasil, referenciados ao final do texto</p>

Quadro explicativo 2 - Dezembro de 2020	
Reportagem de Capa - Manchete da edição (total de 4 na secção 'Capa')	<i>Mais perto das vacinas</i>
Páginas da matéria analisada	18 a 21, contendo três páginas com texto, 18 parágrafos, três imagens/ilustrações/gráficos
Jornalista	Ricardo Zorzetto
Breve descrição do texto	Dados sobre a evolução das pesquisas para desenvolvimento das vacinas no contexto da Europa e dos Estados Unidos (únicas opções disponibilizadas até aquele momento). Protocolo para aprovação da vacina Pfizer em parceria com a BioNTech, apresentada para aprovação. Demais explicações sobre os benefícios e os desdobramentos da vacinação para a população.
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none"> • imunologista, Faculdade de Medicina-USP • epidemiologista, UFG • infectologista, UFMS e Fiocruz • epidemiologista, Faculdade de Saúde pública - USP • epidemiologista, ex-coordenadora do Plano Nacional de Imunização brasileiro (2011-2019)



Quadro explicativo 3 - Janeiro de 2021	
Reportagem de Capa - Manchete da edição (total de 2 na secção 'Capa')	<i>Economia do cuidado</i>
Páginas da matéria analisada	32 a 37, contendo cinco páginas com texto, 13 parágrafos, cinco imagens/ilustrações/gráficos
Jornalista	Christina Queiroz
Breve descrição do texto	Dados sobre o crescimento de pessoas que precisam de assistência e cuidado permanente (idosos e doentes crônicos). Na América Latina, as famílias são preponderantes face ao Estado e outras instituições. Índices comparativos entre Brasil, França e Japão através de pesquisa científica apresentada no texto. Dados sobre a especificidade brasileira.
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none">● socióloga, USP● socióloga, Centro de Pesquisas Sociológicas e Políticas de Paris (França) e Rede de Pesquisa Internacional e Multidisciplinar "Mercado de Trabalho e Gênero" (Mage)● socióloga, Universidade Estadual Wayne (Detroit/EUA)● antropóloga, Unicamp * Estudo do Centro de Pesquisas Sociológicas e Políticas de Paris (França)

Quadro explicativo 4 - Fevereiro de 2021	
Reportagem de Capa - Manchete da edição (apenas 1 na secção 'Capa')	<i>Sistema em construção</i>
Páginas da matéria analisada	42 a 50, contendo oito páginas com texto, 19 parágrafos, 11 imagens/ilustrações, quatro gráficos
Jornalista	Fabício Marques
Breve descrição do texto	O percurso da pandemia do Coronavírus no Brasil sob a perspectiva do Sistema Único de Saúde brasileiro, o SUS. Os desafios e o déficit de financiamento do Programa ao longo dos últimos anos. Detalhes sobre alguns segmentos do Sistema e a importância da valorização orçamentária para suprir a atenção à população.
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none">● sanitaria, UFRJ, vice-presidente da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva)● economista da saúde, ex-funcionário do Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento● professor, UFBA● especialista em políticas públicas, IPEA● economista e especialista em financiamento do SUS, USCS● economista, Insper● médica e pesquisadora, Ensp-Fiocruz * Gráficos apresentando valores investidos no SUS, em série histórica comparativa, e índices de internação no SUS em 2019 * Quadro de destaque 'Ciência para aperfeiçoar o SUS': alguns exemplos de contribuições de projetos de pesquisa científica na composição de políticas ou subprojetos do SUS



Quadro explicativo 5 - Março de 2021

Reportagem de Capa - Manchete da edição (apenas 1 na secção 'Capa')	<i>No rastro dos fósseis</i>
Páginas da matéria analisada	40 a 47, contendo sete páginas com texto, 22 parágrafos, nove imagens
Jornalista	Rodrigo de Oliveira Andrade
Breve descrição do texto	Caso do mais recente fóssil nordestino encontrado/localizado em um museu alemão. Denúncias à Polícia Federal e Ministério Público, iniciadas por cientistas, contra o crime de tráfico de fósseis. O problema da ausência de fiscalização na atividade das mineradoras no Araripe/Ceará, e o transporte de fósseis para a Europa.
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none">● paleontóloga, UFRN● procurador da República, Ministério Público Federal● bióloga, UFES● biólogo e doutorando, UFABC● presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP)● biólogo, URCA (Depart. de Ciências Biológicas)● biólogo, URCA (Depart. de Ciências Físicas e Biológicas)● paleontólogo, USP● paleontólogo, UFSM● paleontólogo e diretor do Museu Nacional da UFRJ <p>* Quadro de destaque 'O papel dos periódicos': o debate ético sobre a posição das revistas científicas em receberem e publicarem textos/artigos que contenham dados procedência duvidosa</p>

Quadro explicativo 6 - Abril de 2021

Reportagem de Capa - Manchete da edição (total de 4 na secção 'Capa')	<i>O vírus em evolução</i>
Páginas da matéria analisada	18 a 25, contendo sete páginas com texto, 24 parágrafos, nove imagens e um gráfico
Jornalista	Ricardo Zorzetto
Breve descrição do texto	Análise do ciclo completo de um ano da pandemia do Coronavírus e sua evolução no Brasil entre a primeira e segunda ondas. Explicações detalhadas sobre as variantes identificadas no mundo até então (Inglaterra, África do Sul e Brasil).
Entrevistados e Citados	<ul style="list-style-type: none">● virologista, Unicamp● virologista, Universidade Feevale/RS e coordenador da Rede Nacional de Ômicas de Covid-19 (Corona-Ômica BR)● médica, USP● virologista, USP● bioquímica, Lab. de Vírus Respiratórios-Fiocruz● virologista, UFMG● biomédico, estágio de pós-doc em andamento na Universidade de Oxford (Inglaterra) <p>* Citações de projetos e referências a artigos científicos, descritos ao fim da reportagem * Quadro de destaque 'O nascimento das linhagens': projeto de sequenciamento de genoma para ajudar no combate ao Coronavírus e novas variantes. Quadro de destaque 2 'Dando nome ao vírus': explicação da categorização das variantes de Coronavírus no mundo.</p>

No quadro 1, que apresenta os dados sobre a crise no volume do rio Paraguai, o conjunto ouvido para a composição do texto representa um grupo específico de especialistas, aqueles dedicados diretamente à discussão climática e seus desdobramentos. São ao todo seis profissionais, de universidades ou centros de pesquisa, advindos dos estudos ambientais e que fornecem descrições técnicas e estudos científicos como subsídios, referenciados ao final tal como as produções acadêmicas. Dentre os trechos e dados reunidos, não se encontram relatos de moradores locais, comentários de funcionários dos órgãos responsáveis pelo controle ambiental da região, ou ainda declarações de instituições governamentais. Tendo em vista a multiplicidade de comentários especializados listados e o número considerável de páginas e parágrafos, a ausência não indica se tratar de uma limitação de espaço para a composição do texto.

No quadro 2, com o tema do desenvolvimento de vacinas, foram ouvidos cinco profissionais das ciências médicas, quatro deles de universidades públicas da região Sudeste e Centro-Oeste, representando as especializações mais recorrentes nas aparições midiáticas em meio à pandemia. A presença de apenas especialistas da saúde, especialmente no que diz respeito à problemática do negacionismo das vacinas (mencionada na reportagem), não permite que as citadas ‘lógicas confusas’ sejam respondidas ou confrontadas por esses mesmos especialistas, ainda que haja aspectos de não-objetividade nas falas presentes no senso comum. Ao não partilhar com esses sujeitos não-cientistas, escapa aos atores científicos/acadêmicos a oportunidade de entendimento dos receios da população quanto ao novo plano de vacinação, bem como ao próprio Jornalismo, que não tem a possibilidade de aproximação do público geral com os saberes técnicos - por vias de esclarecimento de termos ou argumentos que são muito particulares desse saber científico.

No quadro 3, sobre o cuidado doméstico de grupos vulneráveis, foram consultadas quatro pesquisadoras das ciências sociais aplicadas, três sociólogas e uma antropóloga - advindas de universidades públicas brasileiras e internacionais. Com o detalhamento das porcentagens que envolvem o tema, inquieta a ausência de uma perspectiva de vivência real, de sujeitos(as) que experienciam a condição de cuidador. Apontada como uma atividade relacionada a vínculos afetivos, um relato comum poderia acrescentar uma interpretação subjetiva do fenômeno e seus impactos. Esta contradição fica evidente no último parágrafo, dito pela própria pesquisadora responsável pelo projeto:

“A opção por esse caminho metodológico permitiu revelar, por exemplo, que entre populações periféricas brasileiras a vida comunitária e a ajuda de vizinhos e

familiares constituem pilar central na estrutura de cuidados”, informa Hirata. “Como isso não aparece nas estatísticas oficiais, esse aspecto da realidade não teria sido captado se tivéssemos nos limitado a análises quantitativas.” (Revista *Pesquisa FAPESP*, edição impressa nº 299, p. 37)

No quadro 4, tendo como assunto os problemas de financiamento do SUS, foram ouvidos diversos especialistas sobre as dificuldades enfrentadas pelo Sistema e a precariedade que o descaso e o desinteresse podem acarretar na qualidade e efetividade dos serviços. Apesar do longo espaço no qual o texto discorre sobre a importância do SUS, não estão presentes relatos de demais sujeitos(as) que estão envolvidos com o cotidiano da saúde no Brasil, como enfermeiros, técnicos e agentes de saúde, ou mesmo a população comum, que é diretamente impactada pelo funcionamento público e seu grau de eficiência. Sobretudo no âmbito da saúde pública, captar as demandas da sociedade pode indicar caminhos novos para pensar o desempenho do Sistema, mais ainda em um país diverso e desigual como o Brasil.

No quadro 5, com a reportagem sobre o tráfico de fósseis, foram citados oito especialistas entre biólogos e paleontólogos que comentaram a problemática e os efeitos do crime. Trata-se de um tema bastante específico da realidade de alguns locais do Brasil. Dos pesquisadores, todos são ligados a universidades públicas federais ou estaduais. Fica claro que a questão envolve a soberania nacional quanto aos materiais encontrados em solo brasileiro e a cooperação de pesquisadores com as forças policiais para o rastreamento, e a necessidade de fiscalização nos locais. Aparentemente distante da população em geral, o tema pode acender o interesse e o debate sobre a importância da valorização dos recursos nacionais com impacto na produção científica do País. Iniciativas de divulgação científica nesta direção podem conscientizar a população sobre o impacto da prática criminosa.

No quadro 6, que explora o primeiro ano completo da pandemia no Brasil, foram trazidos sete pesquisadores, ligados à universidades das regiões Sul e Sudeste e da área da saúde para comentar a evolução da doença, a primeira e a segunda ondas no Brasil e as linhagens do Coronavírus, numa descrição técnica. Como sabido após este primeiro ano, os desdobramentos da pandemia afetaram em maior ou menor grau toda a população, e os relatos de brasileiros de diferentes ocupações poderiam fornecer um panorama mais amplo sobre os impactos da pandemia da vida das pessoas, com efeitos na saúde mental e nas sequelas deixadas pela doença. Com o destaque para as especialidades de saúde ouvidas na reportagem, há a ausência de uma iniciativa transdisciplinar da linha editorial, que poderia

considerar pesquisadores de outros campos de conhecimento para pontos de vista sócio-econômicos quanto às implicações da pandemia no Brasil.

A respeito da profissão jornalística, o exercício da entrevista desperta especial atenção quando do olhar para as múltiplas percepções do significado e da importância da Ciência no tecido social comum. Esse tipo de tema-problema não se vê contemplado no escopo das metodologias quantitativas, com questionários estruturados em questões de múltipla escolha. Uma vez que o problema de pesquisa conduz ao método (MARTINO, 2018), buscar uma aproximação com o imaginário através de uma relação dialógica se mostra o recurso mais frutífero e democrático para o entendimento do outro.

Quando, ao falar dos fazeres jornalísticos, a autora Medina afirma que “o contato e a observação da cena real desafiam a produção simbólica para a compreensão complexa, diga-se, contraditória, conflitiva e exige do repórter a desconstrução de travas ideológicas alimentadas por certezas”, é possível enquadrar o cientista-pesquisador na mesma posição, de um agente próprio da Comunicação (MEDINA, 2014, p. 12). As correlações aparecem de forma mais clara quando observação e coleta das interpretações do mundo para apreensão da realidade suscitam de ambos os profissionais a disposição para uma comunicação não-arrogante. O outro não-técnico não é, portanto, um ser desprovido de repertório e que precisa ser iluminado. A relação dialógica recorda essa dignidade.

Ao falar da relação entrevistador-entrevistado, a autora Medina comunga da proposta humanista de contato Eu-Tu no lugar de Eu-Isto, sugerindo o abandono do tradicional método positivista.

[...] quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autoconhecimento ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível.” (MEDINA, 1986, p. 07)

Tendo em vista que a comunicação humana se materializa verdadeiramente através do diálogo, esse se dará sempre de forma mais democrática do que o mero monólogo, expressando os movimentos populares significativos do tempo presente. A atenção a essas nuances presentes nas falas dos entrevistados - ou, para o caso da relação científica, dos participantes da pesquisa - permite ao cientista um encontro mais verdadeiro com a realidade que pretende descrever e é, ainda, espaço para uma dupla reflexão: de que modo

os ensinamentos trazidos pelos sujeitos de pesquisa do cotidiano podem impactar na própria forma de conceber a Ciência como pretensa campo de verdades que devem ser comunicadas ao mundo.

Considerações finais

O interesse central desta observação de entrevistas corresponde a uma inquietação sobre os limites e as possibilidades da escuta no espaço metodológico da pesquisa científica qualitativa, uma vez que o formato se mostra mais proveitoso para averiguar questões latentes na recepção midiática e científica.

Entendendo esse *signo como acontecência* (CRUZ, 1986), um dos maiores aprendizados resultantes do contato com essa matriz teórica da Dialogia social é a autorreflexão sobre falar a partir do lugar do cientista e, ao mesmo tempo, entender esse lugar desprovido de superioridade intelectual.

Analisar um espaço midiático, como o trazido neste breve estudo, e notar a ausência de vozes complementares ou contrárias às científicas demonstra que este lugar de superioridade pode ainda estar colocado como pacificado para os que estão no centro do conjunto Ciência-Jornalismo.

Notando as lacunas de um espaço com dada importância na comunicação jornalística nacional da Ciência como o é a revista *Pesquisa FAPESP*, reconhece-se o desafio existente na tentativa de interlocução interessada com saberes e sujeitos que, na contramão, rejeitam a própria lógica científica como explicação do mundo, expressando-se com maior proeminência nos tempos atuais de revisionismo histórico e científico.

Em meio às provocações que atravessam a discussão, o importante autor Damatta (2008) contribui opondo ‘a certeza do explicar *versus* a incerteza do compreender’, no que pode se colocar como uma posição epistemológica de reconhecimento de falibilidade e incompletude do campo científico como uma característica de sua mesma constituição, que se faz de modo a ‘sempre estar por ser superada’ (WEBER, 2015).

Os indivíduos que se dispõem ao ofício da pesquisa científica devem colocar-se a si mesmos na condição de eternos aprendizes do desafio comunicacional da escuta do outro, do diferente, do incompreendido, mas *nunca incompreensível*. Debruçar-se, portanto, sobre uma forma de observação sensível como a entrevista, aberta e dialógica, não limitada a perguntas restritivas com expectativas pré-ordenadas, pode despertar nos sujeitos

pesquisadores a habilidade de se relacionar com as interpretações e os dados presentes na sociedade, tão inesperados quanto complexos, mas que não devem estar fora da trama do conhecimento construído cientificamente.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Referências

ALMEIDA, Carla da Silva. ““Make science great again”? O impacto da Covid-19 na percepção pública da ciência”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia, 2020.

BRAGA, Marco Et al. **Breve história da ciência moderna, volume 4: a belle-époque da ciência.** – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CRUZ, Maria Teresa. A estética da recepção e a "crítica da razão impura". **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 3, 1986.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis. In: MEDINA, Cremilda. **A poética e o ensaio fruição e reflexão sem limites.** São Paulo, 2008. p. 53- 9. Nossa América: Revista do Memorial da América Latina, São Paulo, n. 28, p. 53-9, 2008.

MARTINO, Luís Mauro. **Métodos de pesquisa em comunicação:** Projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista - O diálogo possível.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.

_____. & GRECO, Milton (orgs.) **Novo Pacto da Ciência 3, Saber Plural:** O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1994.

MEDINA, Cremilda. **O Signo da Relação - Comunicação e Pedagogia dos Afetos.** São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

_____. **Ciência e Jornalismo - Da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus, 2008.

_____. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2030>>. Acesso em: 27 Fev. 2021.

MEYERS, Robert. **Empirismo.** Trad. Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

RICHARDSON, Roberto Jany. Pesquisa social: métodos e técnicas. Roberto Jarty Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al.). São Paulo: Atlas, 2012.



VARELA, Ulysses. Mídiação de ciência: uma abordagem conceitual e de aplicabilidades em pesquisas acadêmicas. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. ISSN 2675-4290. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiacao-artigos/article/view/1339>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martin Claret, 2015.